

Entrevista com Ricardo Antunes

Entrevistadores IBEC¹
Apresentação | Aline Marcondes Miglioli

268

Nesta edição número 8 da Revista Fim do Mundo tivemos o prazer de entrevistar o Professor Titular do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas (IFCH) da Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP), Ricardo Antunes.

Ricardo Antunes se formou em Administração Pública pela FGV, no entanto sua carreira acadêmica posterior deu-se no



campo da sociologia. Em 1980 defendeu seu mestrado em Ciência Política na UNICAMP e em 1986 se doutorou em Sociologia pela USP.

Sua trajetória acadêmica esteve orientada para compreensão de um tema e suas diversas facetas: o trabalho. Com este objetivo Ricardo Antunes viajou o mundo pesquisando e ministrando cursos e publicou mais

¹ A entrevista foi realizada através de videochamada com a presença de Paulo Alves de Lima Filho, Adilson Gennari, Henrique Tahan Novaes, Fábio Antonio Campos, Zuleica M. Vicente e Fabio S. M. Castro. A transcrição da entrevista foi realizada por Palena Duran e Rogério Fernandes Macedo. A revisão é de Aline Marcondes Miglioli.



de sessenta livros, os quais incluem a tradução em diversas línguas de seus textos mais conhecidos.

O extenso currículo de Ricardo Antunes revela sua busca incessante por conhecer o significado do trabalho para a acumulação de capital, como também o mercado de trabalho brasileiro, suas transformações recentes e as formas de organização da nossa classe trabalhadora. Em “Adeus ao Trabalho” (1995), Ricardo rebate a percepção em voga de que a tecnologia iria substituir o trabalho humano. Em seus trabalhos mais recentes, Ricardo também aborda as novas formas de trabalho relacionadas ao “Capitalismo de Plataforma” e à uberização.

A trajetória militante de Ricardo Antunes também é extensa. Ricardo começou sua militância no PCB, mas deixou o partido ainda na década de 1970. Na década seguinte participou da fundação do PT e ficou neste partido até o primeiro mandato do presidente Lula, quando ele se juntou ao PSOL.

A extensa trajetória política, acadêmica e pessoal de Ricardo Antunes tornou a escolha das perguntas para esta entrevista um grande desafio. Nas páginas seguintes, tentamos reunir perguntas que reflitam a trajetória de Ricardo, mas que também nos tragam novas pistas para compreender o trabalho e os trabalhadores.

|Dr. Paulo Alves de Lima Filho| Em que medida o trânsito pelo PCB e grupo Chasin, depois pelo PT e, por último, o PSOL, marca a tua trajetória teórica? O fim do grupo Chasin esteve determinado, entre outras coisas, por divergências teóricas que implicaram em decisões práticas divergentes?

Veja, a minha trajetória teórica tem um movimento que é anterior ao PCB e anterior ao grupo Ensaio. Foi quando eu entrei na Fundação Getúlio Vargas, em 1972; eu tinha 19 anos de idade e queria ser administrador de empresas. Eu entrei no Curso de Administração Pública porque era gratuito, e meu pai e minha mãe não podiam pagar o curso para mim. Então, eu entrei no Curso de Administração Pública na FGV, querendo ser um gestor de empresas: esse era meu sonho com 19 anos. Classe média baixa, meu pai advogado e minha mãe escriturária, lá entrei. E, sem que eu tivesse me



apercebido disso, talvez por conta dos meus estudos no Ginásio e Colegial públicos, onde eu tive alguns professores e professoras que, certamente, “botaram minhocas” nas minhas leituras, foi em 1973, na FVG, que eu comecei a me deparar com alguns professores de Sociologia, de Economia, que deram Durkheim, Weber e Marx. Quando chegou ao Marx, aos poucos eu fui me interessando pela obra desse autor. E foi entre 1973 e 1974 que eu e um amigo, Armando De Santi, decidimos começar um estudo profundo de O capital. Nós nos reunimos todos os sábados na casa da mãe dele. Éramos solteiros e jovens, muito jovens até então; eu mesmo, em 1973 tinha 20 anos. Ali, nós começamos a estudar O capital. Íamos para a casa da mãe dele e, depois de uma jornada de estudos, das 8 até às 13h, vinha um belo almoço italiano, de família italiana, e a gente almoçava na casa dele. Era uma família também simples, de classe média, e o Armando era bancário.

E eu comecei a estudar O capital. Então, minha formação teórica e política é anterior ao PCB e anterior ao Grupo Ensaio. Foi mais ou menos em 1975 para 1976 que meu amigo Maurício Tragtenberg (vejam só como são as contingências da história), conversando comigo um dia na porta da FGV, eu já estava saindo da FGV formado, já tinha lido o Livro I de O capital, que eu decidi fazer mestrado em Ciência Política. Decidi em 1973-74 que eu não iria ser administrador de empresas e nem público. Na sequência, creio que 1974, se bem me recordo, me inscrevi, passei e entrei no vestibular em filosofia da USP e comecei a estudar. Mas não fiz mais do que poucas aulas, isso por dois ou três motivos. Eu já estava no terceiro indo para o quarto ano da FGV. Eu já sabia que iria fazer Humanas, já tinha claro na minha formação que eu iria fazer Ciências Sociais e, então, comecei a fazer filosofia, o qual era muito puxado (cheguei a começar a fazer algumas aulas com a Marilena Chauí). Por outro lado, o curso na FGV também era muito puxado, e eu dava aulas como professor de cursinho de Madureza e, depois, de cursinho de vestibular, para sobreviver, porque eu já tinha 21 anos, estava até pensando em casar e tinha que trabalhar para sobreviver. E teve um segundo motivo que me assustou muito na filosofia da USP: eu tive algumas aulas nos barracões, na época mais terrorista da ditadura, e a gente percebia que nos barracões da USP, havia gente da OBAM, do DOI-CODI, todos ali espionando; os professores e os alunos, morrendo de medo. Ao passo em que, na FGV, eu tinha aula de sociologia, de política e de economia sem o risco de a polícia estar lá dentro, por razões óbvias: a FGV era uma escola do capital.



Em 1975, saindo da FGV, o Maurício Tragtemberg falou para mim: “Você não gosta do Lukács? Então, vai fazer o curso do Zezinho (José Chasin) lá na Sociologia e Política”. Então, terminei a FGV e fui fazer mestrado. E foi nesse momento que fui fazer o curso na Sociologia e Política, como aluno. Como aluno não. Como ouvinte, eu nunca fui do grupo Chasin da Sociologia e Política. Eu fui fazer apenas o curso dele. E com o Chasin eu aprendi, e esse era o seu principal mérito, que havia um outro Lukács, da Ontologia, da maturidade, que era diferente do Lukács da História e Consciência de Classe. Hoje eu vejo inclusive que a diferença que o Chasin apresentava era exagerada. Eu não vejo duas Ontologias do Lukács. Vejo uma diferença importante: não é que Lukács era antiotológico em um livro e ontológico em outro, mas isso é uma outra discussão para um outro momento.

Entre nesse momento no grupo Chasin e, a partir dele, fui me aproximando do PCB. Qual é o balanço que eu faço do PCB? Um extremamente positivo: nesse grupo dentro do PCB eu aprendi que sem teoria não é possível pensar em transformação, em revolução e mudanças sociais. Esse é o maior mérito do Chasin. Ele tinha uma herança “caiopradiana”, que ele procurava seguir, de que era importante suprir uma das lacunas cruciais (e essa era uma tese do próprio Caio também, como nós sabemos), que sem uma reflexão funda sobre a realidade brasileira não há revolução no Brasil. Esse é o lado muito positivo; quer dizer, essa militância marcou muito a minha trajetória. Quando eu fiz minha livre-docência, meu titular, eu citei no meu memorial, com todas as formalidades necessárias, as referências a essa militância. O outro lado nefasto dessa experiência, é que eu conheci por dentro o stalinismo, de corpo e de alma, em todos os sentidos. E isso foi uma experiência vital porque eu me tornei um materialista asperamente antistalinista, como todo mundo que conhece o meu trabalho sabe. E com profundo desprezo às formas autocráticas, ditatoriais ou manipulatórias. Essa, então, é minha herança do Partido Comunista. Eu decidi sair do Partido Comunista em 1980, junto com o Grupo Ensaio, quando um burocrata dirigente do Partido Comunista nos “orientou” e falou: “Agora, é hora de a gente ir para o ABC e acabar com a greve do ABC”. Aí eu falei: realmente, eu estou em um partido “burguês”, ou que defende a “burguesia nacional”, imaginando que fosse um partido operário. Quando um partido, que se diz operário, pede para sua militância (que era então pequena) para ir ao ABC acabar com a greve, você imagina o impacto dessa orientação, pois se tratava da mais importante luta de classes desde o início da Ditadura. Nós tínhamos contatos com lideranças importantes do



ABC paulista. Isso, inclusive, me levou a fazer meu doutorado a partir de 1980 lá. Então, essa foi a experiência mais importante da militância no PCB, que eu coloco no sentido positivo e no sentido negativo.

Eu levei três anos depois para entrar no PT. Nós estávamos ainda no Grupo Ensaio. Entrar no PT foi uma decisão que nós refletimos muito em 1980, quando saímos do PCB e entramos em 1983, mas sem nenhuma ilusão. Qualquer um que leia as coisas que eu escrevi e as entrevistas que eu dei (tem até um livrinho que foi publicado naquela época chamado “Crise e poder”, em que eu trato muito daquela conjuntura), eu não tinha nenhuma ilusão de que o PT pudesse vir a ser um partido socialista revolucionário. Nunca tive essa ilusão. Reconheci sim, que o PT era um partido de massa, que era enraizado na classe trabalhadora, seja a classe trabalhadora urbana, rural, inclusive (digamos assim) nas classes médias assalariadas (naquelas classes médias que estavam sofrendo um processo de assalariamento, de proletarização), e isso não era pouco. Era o que faltava ao PCB, que ele tivera nos anos pré-1964, mas o PCB sofreu uma repressão muito violenta. Então, nesse sentido, eu não tinha ilusão no PT.

Por que entrei no PSOL? Estou entre os cinco ou seis fundadores do PSOL. Se vocês forem ver o livro dos que primeiro assinam a fundação PSOL lá, estão Chico de Oliveira, Paulo Arantes, Carlos Nelson Coutinho, por procuração Leandro Konder, eu e o Milton Temer. Por que entramos no PSOL? Nos fomos no Congresso de fundação. Porque nós recebemos (por motivos diferentes), um chamamento das lideranças mais à esquerda que estavam criando o do PSOL que não queriam reproduzir um partido de grupos pequenos de esquerda que se digladiasse entre si. Então, vieram falar conosco (com o Chico, Paulo Arantes, o Carlito (tenho lembranças muito boas do Carlos Nelson Coutinho, de quem me tornei grande amigo) e Milton Temer (querido amigo que está sempre na ativa), me lembro especialmente desses nomes, pois assinamos juntos o nosso ingresso no PSOL, no Rio de Janeiro, em seu Congresso de fundação. E por que nós entramos no PSOL depois de cinco ou seis meses de discussão? Nós nos reuníamos lá na casa do... O Plínio de Arruda Sampaio entrou depois. A Leda Paulani, economista lá da USP, também participou de reuniões. Mas nos cinco primeiros decidimos entrar. Por que? Inclusive foi um argumento que todos nós usamos e que todos nós não queríamos entrar em nenhum partido. Nenhum de nós queria porque nós sabíamos que as chances de algo novo e distinto, era muito difícil. Mas nós decidimos porque é muito cômodo ficar aqui em nosso escritório, pensando, enquanto uma juventude toda estava saindo do



PT e, se não tivesse um horizonte mínimo, podia sair do PT para voltar para casa sem perspectiva. Então, de modo muito reduzido aqui (porque senão nós falamos até amanhã), isso nos levou, por consenso, a decidir: vamos botar a mão na massa e vamos ajudar. Tenho respeito pelo PSOL. Dialogo muito bem com as tendências do PSOL, por óbvio que me insiro nos quadros, nas camadas, à esquerda do PSOL, que são vários. Fui a favor, no debate do ano passado, que o PSOL tivesse uma candidatura alternativa, a do Glauber Braga, que é uma liderança importante do PSOL, corajosa, jovem, que defenderia contemporaneamente o socialismo. Fomos derrotado e o PSOL corre um grande risco, de certo modo ele já trilha esse caminho, de ser um PT na versão reduzida (o PT foi um grande partido de massa que o PSOL nunca conseguiu). Mas eu brinco: se eu sair do PSOL vai ser o último, tá certo? Como a gente sabe, as limitações dos partidos são várias. Agora, eu prefiro ter o coletivo para debater, para dialogar, para ajudar e para aprender, do que ficar no meu canto isolado. Então, qual é o traço coerente da minha trajetória? Não sou eu que devo julgar, mas procuro fazer uma defesa vigorosa da classe trabalhadora. E eu aprendi com o marxismo do Marx. O grande autor que fez a minha cabeça não foi o Lukács e nenhum outro, foi o Marx. Antes de ler História e Consciência de Classe, a Ontologia, Gramsci, Trotsky e Lenin, eu estudei O capital, como mencionei anteriormente.

Eu não sei se vocês se lembram, mas lembro de uma coisa muito interessante nos anos 1974-75, em São Paulo, que não dá para explicar direito, que era a livraria Avanço, da rua Aurora. Eu posso estar trocando os nomes. Toda aquela minha parte de livros ali na minha estante, são livros pequenos do Marx, Engels, Lenin, que vieram de Portugal e eu comprava nessa Rua Aurora, na Livraria Avanço. Eu imagino que fosse de um grupo de portugueses marxistas que, em plena ditadura, vendia essas obras. Então, eu li o Trotsky, o Mao Tsé-Tung, eu li muito o Lenin. O Lenin foi um autor que me formou muito. Hoje não sou leninista, não me considero leninista, mas já fui leninista. Até porque eu acho que a genialidade do Lenin não é o leninismo, que foi adulterado pela aberração staliniana e stalinista. O Lenin foi um grande marxista, foi capaz de compreender as contradições vitais na Rússia czarista. Mas transformar a sua teoria do partido em uma teoria universal a ser transplantada para o mundo, foi algo profundamente equivocado. Tudo isso para dizer que minha leitura começou com Marx e os marxistas, mas qualquer pessoa que acompanha meu trabalho vê uma coerência e vê as minhas diferenças, por suposto. Eu já fui assumidamente



marxista-leninista, hoje eu acho que essa conceituação é equívoca. Mas isso é uma coisa que se aprende, na medida em que você estuda e reflete.

E eu ainda não mencionei que eu decidi sair do Grupo Ensaio, em 1988, quando a Ensaio decidiu apoiar o Brizola (e depois, em 1994, apoiou publicamente o Fernando Henrique Cardoso), o que mostra os equívocos políticos daquela posição. E, em uma campanha entre Lula e Fernando Henrique, você apoiar o Fernando Henrique é uma posição de classe. O equívoco do Brizola não era que a diferença do Lula para o Brizola fosse radical, mas havia ao menos uma diferença importante: o Lula tinha o que Lenin chamava de *instinto da classe operária*, porque ele vinha da classe operária, e o Brizola era um reformista da pequena burguesia muito qualificado, mas era um reformista, ainda que, digamos assim, na sua variante pequeno burguesa. Eu não estou falando aqui no sentido pejorativo, mas real. E foi importante a fusão dos dois, no segundo turno, em 1989. Mas Collor levou, do modo como sabemos. Foi aí que eu me desliguei definitivamente do Grupo Ensaio.

|Dr. Paulo Alves de Lima Filho| seria possível o PT transformar-se e transitar da social democracia, do social-liberalismo, de volta ao socialismo?

Não vejo a mais remota chance. O PT é um partido forte, de massa. Mostra-se forte, mas prisioneiro, para o bem ou para o mal, de uma liderança forte. O PT já nasceu fora dos marcos do socialismo, ao menos o de inspiração marxista, embora ele tivesse muitos socialistas dentro dele, muitos deles inclusive marxistas, que fizeram a luta armada, muitos agrupamentos que não fizeram a luta armada, mas eram organizados pelo marxismo, pelo socialismo anticapitalista e pelo movimento comunista; mas esses grupos nunca foram majoritários. Nunca houve no PT, em nenhum momento da sua história; a defesa ideológica de um partido abertamente socialista e claramente anticapitalista. Isso não tira o mérito do PT que, nos seus inícios, foi uma bela confluência de tendências. Nós sabíamos que tinham muitas coisas positivas, mas tinha algumas limitações ideológicas muito grandes, que resvalavam para o reformismo.

|Dr. Paulo Alves de Lima Filho| Chomsky fez duras críticas ao PT, afirmando estar o PT longe das bases e sem representação no chão de



fábrica, à semelhança do PD norte-americano. Há indícios de que o PT esteja disposto a reverter esse quadro?

Sim. Essa é uma crítica que já se faz há muito tempo do PT. Aquela origem que o PT teve, com a massa trabalhadora, urbana, rural, proletária industrial, proletária de serviços, o PT perdeu muito dela. O PT ainda é, digamos, quem mais representa a classe trabalhadora. Mas tornou-se um partido parlamentar e social-democrata, o primeiro objetivo do PT é a próxima eleição, seja para vereador, seja para deputado, Câmara Legislativa, Senado e Presidência. O PT não tem mais aquela ação que antes procurava combinar luta social e luta institucional, tornou-se um partido institucional de massa.

275

[Dr. Paulo Alves de Lima Filho] A seu ver, Mészáros resolveu em sua obra póstuma os problemas da transição comunista?

Não. O Mészáros não resolveu, mas o Mészáros foi corajoso em abrir, descortinar. Eu acabei de escrever um artigo sobre a contribuição do Mészáros para pensar a sociologia do trabalho, que é uma coisa que ninguém escreveu ainda sobre isso, que eu saiba. Isso me obrigou a fazer uma digressão longa sobre a obra do Mészáros, uma pessoa que eu convivi intimamente. O Mészáros fez parte da minha atividade intelectual desde 1982, quando o conheci pessoalmente, até a sua morte. Não tinha um ano que eu não o via, que não ia à casa dele e, quando ele vinha ao Brasil, vinha à minha casa, não tinha um mês que nós não trocávamos correspondência. Assim, o que posso dizer é que Mészáros descortinou pistas. A primeira: o sistema soviético é um sistema do capital pós-capitalista, que é uma pista rica. Segundo: há uma *crise estrutural do sistema do capital*, que é diferente de todas as crises anteriores. Terceiro: capital e capitalismo não são a mesma coisa. Quarto: a questão que eu acho mais rica no Mészáros é que, ele, a partir do Marx e com pistas muito esparsas do Lukács, chegou à seminal conceitualização de *sistema de reprodução socio-metabólica do capital*. Essa categoria é rica para se pensar a tragédia do mundo atual. Não é por acaso que, desde o fim de 1960, Mészáros já aludia para a destruição da natureza e a impossibilidade da acumulação de capital, que só seria possível pela via de mais destruição. Então, a obra do Mészáros é rica. Eu diria que, dos marxistas posteriores da segunda metade dos anos 1950 do século passado para cá, é a mais original. Agora, ele também tinha clareza de que ele não resolveu tudo. Mesmo a distinção que ele faz entre capital e capitalismo eu tomo



como hipótese muito rica de trabalho, que ele tenta ler como sendo possível de vê-la em Marx. É possível, mas é uma criação do Mészáros. O Marx, até onde eu conheço a obra dele, é um autor que eu estudo há quase 50 anos, ele nunca disse: "Olha, capitalismo é uma coisa e capital é outra". Então o Mészáros concebeu essa tese e deu pistas muito grandes. A *auto-organização da classe, a luta extraparlamentar, recusar a linha de menor resistência*, em que o capital chama a esquerda e as lutas sociais para lutar na linha de menor resistência do capital, que é o parlamento, o seu espaço institucional, todas são pistas muito ricas do Mészáros. E, digamos assim, posteriores às pistas do Lenin, do Trotsky, da Rosa, do Lukács. O Lukács, por exemplo, da qual Mészáros é um herdeiro crítico, não foi capaz de fazer uma crítica radical à teoria do socialismo em um só país. E quem nos ensinou isso pela primeira vez foi István Mészáros. No Grupo Ensaio nós aprendemos isso quando começou a publicar - e isso foi um mérito do Chasin - a obra do Mészáros. O Mészáros foi quem nos ensinou, em um texto publicado na revista "*Problemas do socialismo intercontinental*", editada por Lelio Basso, na Itália, onde ele faz sua crítica dura à União Soviética. Está também publicado no livro "*Para além do capital*", outro ensaio riquíssimo, "*Poder político e transição nas sociedades pós-capitalistas*", que ele apresentou quando fez uma conferência para o Grupo *Il manifesto*, na Itália, no final dos anos 1960, onde ele já diferencia capital e capitalismo. E o Mészáros conhecia bem isso porque era húngaro, conheceu as mazelas do chamado "Socialismo real". Quando você falava em Socialismo real ao lado do Mészáros, ele ficava arrepiadíssimo, ficava irado porque ele recusava a tese de que aquela experiência fosse "socialista".

|Dr. Paulo Alves de Lima Filho| Qual a transformação produtiva operada pela revolução tecnológica em curso e suas consequências para o destino do capitalismo?

Em primeiro lugar, conceitualmente, eu teria dificuldade [de chamar assim], mas reconheço a pertinência de chamar de "revolução tecnológica". O termo revolução a gente deve guardar de forma sempre muito cuidadosa, porque remete à mudanças estruturais e de ruptura profunda. As transformações tecnológicas do nosso tempo são profundas, mas são para preservar a ordem capitalista, dar a ela mais fôlego. O próprio Marx tem passagens no O Capital em que ele fala da revolução tecnológica, na tecnologia. Então, se você perceber nos meus trabalhos, desde o "Adeus ao



trabalho?”, em que eu tenho falado nesse tema, eu não falo em revolução tecnológica. Se falei em algum momento, há muitas décadas em que não falo em revolução tecnológica. Já falei em transformações tecnológicas e reestruturação produtiva do capital.

Mas ela foi profunda. Quando você aumenta o trabalho morto, maquinário técnico, industrial, e hoje digital, informacional, e esse aumento do trabalho morto implica na expulsão de amplos contingentes do trabalho vivo, criando um bolsão de força sobrando, de reserva, da *superpopulação relativa*, ou do *exército “industrial” de trabalhadores*, entre aspas porque hoje o exército é industrial, rural e de serviços, tem um exército de trabalho sobrando monumental, isso traz consequências profundas. Vale recordar aqui que Marx tem uma visão abrangente de indústria. A tecnologia, por exemplo, aprofunda a coisificação da consciência operária. Eu tenho explorado uma tese que estará em um livro que nós estamos publicando no começo do ano que vem, 2023, que é o equivalente àquele “Uberização, trabalho digital e indústria 4.0”. É um volume II, um projeto de pesquisa que está em curso com meu grupo aqui da UNICAMP. Nós estamos pesquisando e eu vou apresentar uma tese, nesse meu capítulo que abre o novo livro - que eu estou trabalhando nela já há uns dois ou três anos - que nós estamos às vésperas de uma nova *era de desantropomorfização* do trabalho em escala global. Nós estamos adentrando em uma nova era de desantropomorfização do trabalho. A ideia é do Lukács, da Ontologia, mas o Lukács está falando da primeira revolução industrial. Mas eu adiciono a essa idéia, relendo as passagens do Marx, magistrais, da “Maquinaria e grande indústria”, quando ele diz “na grande indústria, o trabalhador se torna um apêndice da máquina e um autômato” (lembrando aqui de cabeça). E, quando no capítulo sexto, inédito, que pela primeira vez estamos publicar no Brasil - eu propus à Boitempo e junto comigo está organizando um pesquisador que é do meu grupo, Murilo van der Laan – nós estamos publicando este capítulo, pela primeira vez no Brasil, traduzido direto do alemão (pasmem vocês, não tinha publicação no Brasil direto do alemão, tinham boas publicações, mas traduzidas do espanhol e cotejadas ao alemão). Nós estamos publicando “O capítulo inédito” e a “Enquete operária”, projeto, repito, que eu tenho há mais de 40 anos: publicar “O capítulo inédito” e “A enquete operária”. Alguém perguntou: “O porquê dos dois juntos?”. Muitos não conhecem “A enquete operária”. Eu conheço estudiosos da obra marxiana que desconhecem “A enquete operária”. O cara sabe dizer se aquela passagem é do Engels ou do Marx, do volume dois ou três de “O Capital”, mas não



conhece esse texto. E o capítulo inédito nós tínhamos de fazer uma tradução direta do alemão. Lá o Marx fala da subsunção real. Eu penso que a coisa mais profunda, teoricamente, é que nós adentramos em uma nova era de *subsunção real do trabalho ao capital*, só que agora na fase maquínico-informacional, digital, na era é da financeirização, que é o capital que hoje detém a hegemonia e totaliza tudo.

As consequências disso para a classe operária são profundas, mas tem uma questão que é vital: mesmo com menos operários e operárias, menos trabalhadores e trabalhadoras, dilapidando, depauperando, arrasando, acabando com direitos, eliminando as legislações de proteção, *o capital não se reproduz sem o trabalho vivo*. Esse é o seu coveiro. Lembram da tese de Marx e Engels? Esse a pandemia mostrou isso uma vez mais, como recentemente desenvolvi no livro em “O capitalismo pandêmico” (Boitempo): toda vez em que se falava em *lockdown*, os neofascistas daqui entravam em pane. E no mundo também, não era só aqui, porque com o *lockdown* o capital não se reproduz, porque sem trabalho vivo as máquinas podem ser movimentar à vontade, porque sem trabalho humano as máquinas não produzem valor. *A máquina potencializa o valor*. Desde o “Adeus ao trabalho?” que eu venho reiterando e atualizando essa tese. E mostrando que a fragmentação, a heterogeneização, a complexificação, aumenta aquilo que o Engels dizia, desde “A situação da classe trabalhadora na Inglaterra”. O capital não permite que em um dia a classe trabalhadora fique sem ter concorrência dentro dela, esse mundo atual, dos “empreendedores”, dos “autônomos”, é jogar a concorrência na alma da classe trabalhadora, não é por acaso que você tem um certo descenso do movimento operário global. Descenso é muito diferente de fim do proletariado, de fim da classe trabalhadora. Aliás, para meu regozijo, o “Adeus ao trabalho?” saiu em 1995, já foi publicado em uns sete ou oito países. No início de 2022 saiu uma linda edição, pela primeira vez publicada em inglês, na Inglaterra e na Holanda e, imagino, que mais recentemente nos Estado Unidos. Eu fiz uma atualização com capítulos novos, nos apêndices. Se ele foi publicado 21 anos depois da sua publicação original e em língua inglesa, é porque alguma coisa ele tem a dizer para entender o tamanho do problema da relação entre valor e trabalho hoje. Eu acho que muito modestamente, sem arrogância nenhuma, a minha contribuição foi pequena, mas ajudou a implodir a tese do fim do trabalho. Isso eu falo não por mim, porque eu já vi depoimentos de vários militantes, de várias partes do mundo, que disseram: “Olha, quando eu vi teu livro lá, a gente começou a



ver que o negócio do fim do trabalho é um pouquinho mais complicado”. Isso porque, empiricamente, parece plausível, não é? Se você tem uma super redução das indústrias do centro do mundo, a classe operária está desaparecendo...

Se o Habermas é capaz de dizer, naquele seu ensaio “Técnica e Ciência como ideologia” e também em “A nova intransparência” (ambos eu cito isso longamente em “Os sentidos do trabalho”), ele é capaz de dizer que Marx concebia o trabalho como sendo o trabalho manual e industrial, seu erro é enorme, basta ver a definição marxiana de trabalho no vol. I de O Capital. É óbvio que o proletariado que o Marx e o Engels descortinaram, no século XIX, era o proletariado industrial, mas o Engels, no livro “A situação da classe trabalhadora na Inglaterra”, ele tem um capítulo que trata do proletariado rural. E o nosso desafio é entender hoje o proletariado de serviço, que é o que mais cresce no mundo inteiro, na China, na Índia, na Ásia, na África do Sul, na América e na Europa e nos Estados Unidos. A tese do fim do trabalho, em síntese, hoje não é mais levada a sério, quando se olha o mundo globalmente. E tem uma outra tese que eu considero limitadíssima, de um certo marxismo tradicional que eu considero equivocado, que acha que a mais-valia só é possível com a transformação material do produto. O Marx demoliu isso no capítulo inédito e depois em “O Capital”. E, mesmo que não tivesse demolido, o papel dos marxistas, para recordar Marx, naquele diálogo do Marx com as filhas dele, quando elas perguntam: “Pai, qual é o seu autor predileto?”. E ele cita: “Qual é seu músico predileto? Qual é seu lema de vida?”. E Marx responde: “Duvidar de tudo”, inclusive das próprias formulações do Marx. Vocês vão ler lá no Livro 3 de “O Capital”, “A lei de tendência decrescente da taxa de lucro”, o Marx faz a tese e faz várias contra-teses, para tentar ver se a sua tese estava certa. Nós sabemos que há passagens do Marx em que ele fez várias revisões e reelaborações. Se você for olhar o capítulo 14, o Volume 2 de “O Capital” e o capítulo VI, inédito, não é possível dizer que as teses são idênticas. No capítulo VI, inédito o Marx chega a dizer que o capitalista gera valor. É evidente que ele abandonou essa tese. Na cabeça do Marx e no que ele escreveu depois, capitalista não gera valor. O capitalista se apropria do mais valor. É um autor genial, em constante reflexão.

|Dr. Adilson Marques Gennari| Há um quadro de fragmentação da classe trabalhadora, com um processo de uberização, informalização e até



evangelização da classe. Como podemos avaliar o impacto desse processo na construção da consciência da classe trabalhadora brasileira e global?

280

É um impacto poderoso. Vou simplificar, porque é uma questão longa, eu tenho trabalhado nisso, no "O privilégio da servidão" eu dou pistas, no "Uberização" e nesse volume novo acima referido, que será publicado no início de 2023, também. O processo de uberização do trabalho é uma tendência global do capitalismo que vai expandir a classe trabalhadora no setor de serviços, porque é onde você pode uberizar mais facilmente, vamos dizer assim. Mas vale recordar que as plataformas estão na indústria, na agricultura, nos serviços... Daqui a pouco nós vamos estar procurando trabalho para nós, professores, nas plataformas, porque não vai mais haver universidade pública, se não lutarmos muito. Então, o impacto é profundo. Agora, o breque dos *Apps*, em primeiro de junho de 2020, se eu fosse escrever um livro, tal como "O que é o sindicalismo", que é o meu primeiro livrinho, e fosse fazer uma versão atualizada dele, eu diria: *o primeiro de junho de 2020 já entrou para a história da luta da classe e do proletariado brasileiro, do setor de serviços*. Por que? Porque quantas décadas a classe trabalhadora na Inglaterra levou para que do ludismo se chegasse ao cartismo? Foram muitas décadas, quase um século de lutas. Então, nós vamos ter muita coisa para pesquisar.

A evangelização é um processo que também nós vamos ter de estudar mais. O neofascismo tem mostrado uma capacidade que falta à esquerda. O neofascismo é a radicalização da extrema direita. A esquerda hoje é uma esquerda moderada. Se você quer uma saída radical hoje, por isso que a gente tem muita adesão da massa também ao fascismo, inclusive na Europa, uma vez que a única alternativa radicalizada para a massa hoje é a radicalização da extrema direita. Aliás, não é a primeira vez, lembramos de Mussolini e Hitler. Eu me lembro do último dia da campanha do Trump, em 2016, a Hillary Clinton disse que ela seria a grande vitória da classe média norte-americana, recuperando o mito da classe média norte-americana. E o Trump disse, naquele mesmo dia, no último discurso das eleições, que a vitória dele seria a vitória da classe trabalhadora nos Estados Unidos e que ele era o representante da classe trabalhadora, que a partir daí não iria ter mais imigrante nem nada. Ele radicalizou, para a extrema direita. O PT propõe o que? O Lula está propondo criar condições para melhorar o empreendedorismo. Esse é o tamanho da confusão. Não há uma proposta



da esquerda, ousada, crítica, anticapitalista e original. A esquerda social-democrata é centro-esquerda, não é esquerda. É claro que tem um contexto de fascistização aqui, que temos que derrotar a qualquer custo. E depois nós vamos ter que lutar muito. De fato, não temos candidatura de esquerda no Brasil. Não temos nada parecido com uma *esquerda contra a ordem*.

|Dr. Adilson Marques Gennari| Há um debate sobre a chamada quarta revolução tecnológica em curso. A inteligência artificial somada à robótica e à cibernética parece corroer os empregos rapidamente, apesar de que na China, por exemplo, há um enorme contingente de operários trabalhando até mesmo para viabilizar estas coisas. O que isto tem a ver com as ideias clássicas de Marx sobre o exército industrial de reserva de “O Capital” ou com as ideias apresentadas nos *Grundrisse* onde, com as mudanças nas forças produtivas materiais, surgiria um sujeito coletivo, com uma consciência geral, que poderia substituir os trabalhadores, e estes assumiriam o papel de supervisores do processo produtivo já num processo de transição para outra forma de sociedade?

Bom, eu dei pistas sobre isso. A inteligência artificial, o mundo do algoritmo e, mais amplamente, o chamado projeto da grande burguesia mundial, da Indústria 4.0, robotiza, automatiza, internetiza, ampliando ainda mais o trabalho morto e eliminando tudo o que for possível de trabalho vivo. Já sabendo que a eliminação do trabalho vivo, completa e cabal, é ontologicamente impossível. Essa tese do Marx é absolutamente atual ainda. Sem trabalho vivo, o capital não se reproduz. O que acontece é que ele pode reduzir ao mínimo o trabalho vivo. Por que? Na sua pergunta, já está explicado indiretamente. Porque a China é hoje a maior maquinofatura do mundo, por isso que ela tem simultaneamente uma explosão do proletariado industrial. Quando começou esse processo de industrialização da China? Começou nos anos 1990 pra cá, depois da morte do Mao e a derrocada do núcleo maoísta. Ou seja, em vinte e poucos anos, trinta anos, a China se tornou a grande produtora maquinofatureira do mundo. Isso é impossível sem aumentar o número de trabalhadores. Tivemos, então, na China, uma explosão do proletariado. Não é por acaso que, no início do século XXI, as mais altas taxas de greve do mundo foram na China, porque você tem um nível de exploração selvagem. Quando eu fui fazer conferência na China, eu falei: eu tenho juízo e não vou falar sobre a exploração do trabalho na China, até porque eu não tenho pesquisa sobre isso. Eu leio



sobre o caso chinês, cheguei a publicar alguns estudos sobre a China, aqui no Brasil, escrito por marxistas dissidentes que moram fora da China, mas é evidente que você tem uma explosão do proletariado. Você tem lá, também, uma explosão do proletariado de serviços. Dou só um exemplo: no último dia em que fomos passear lá na China, estavam o Michael Löwy, Gilbert Ascar, Marcelo Musso, Domênico Losurdo e eu. Foi um grupo convidado para fazer um seminário sobre marxismo, em várias universidades em Xangai e Pequim. No penúltimo dia, nós fomos na magistral Muralha Chinesa e aí alguém do grupo teve a ideia de contratar alguém para ser guia turístico e contratamos uma jovem. Ela tinha três empregos, todos precários nos serviços: era professora, fazia atividades do serviço público, terceirizada, e ganhava como guia turística. Quer dizer, é o chamado proletariado de serviços multifuncional. E essa atividade de proletarização dos serviços é o elemento mais importante para se entender a ampliação do proletariado hoje. No volume 2 de “O Capital” Marx demonstrou que a indústria de transporte não cria nenhuma produção material, mas gera mais valia. Quer dizer, ele era genial. Que produto a indústria de armazenamento cria? Nenhum, mas também gerava mais valia. É evidente que nós sabemos que o Marx fala também no seu tempo, e isso vale ainda hoje, que *o conjunto da produção acaba sempre sendo material*. Pois é óbvio. Se eu viro professor de uma escola privada e vou ensinar em EAD, vou gravar as minhas aulas, sem estar presente em aula nenhuma. Ao gravar minhas aulas eu já materializei a minha produção. Ela já não é mais estritamente imaterial, ela pode ser originariamente imaterial, mas se torna material ao ser gravada e reproduzida. O Marx fala no capítulo VI, inédito e em “O Capital” que a diferença entre o professor da escola pública e o professor da escola privada, do escritor autônomo e do escritor que vende a sua obra para a produção e ao assim proceder, tornam-se trabalhadores produtivos para o capital, gerando mais valia. Hoje isso explodiu. Para mim é uma obviedade que o trabalhador da Uber, da Rappi, gera mais valia. Para mim é elementar. Verdadeiramente elementar; não quero simplificar nada e reconheço o debate e a polêmica. O fato de eu achar elementar não quer dizer nada. Para mim é uma questão resolvida, mas tenho que reconhecer que o que é resolvido para mim pode não ser para outros.

Eu acho que o que não temos ainda resolvido é, quando a gente entra no Google e no Facebook, aliás eu conheço pouco sobre isso porque eu tenho juízo e não tenho nem Google, nem Facebook, isso para mim é um mundo que eu só ouço falar: “Saiu no Facebook que falaram isso”. Olha, não



me interessa o que falaram, mas eu nem sei como se entra no Facebook, não quero ter. Já até criaram um para mim. Uma vez um amigo meu criou aqui na minha casa, e me disse: "Só falta você entrar e dar o OK". Eu nunca dei o OK, tá certo? Não quero. Mas, por exemplo, tem uma sacada, Jean Marie Vincent, marxista francês, foi um dos primeiros, além de Jean Lojkine, que desenvolveram a tese de que a *informação se tornou mercadoria*. E o capitalismo ganha com qualquer mercadoria, pode ser petróleo, pode ser gasolina, pode ser celular, pode ser aula, pode ser indústria cultural, ou pode ser a mercadoria informação. Outro dia eu tentei comprar uma passagem para a Itália, já tem um mês, dois meses, todo dia eu recebo aqui oferta da passagem. A minha informação está gerando lucro, valor e riqueza. Isso é mais valia ou não? Esse estudo é central hoje. No "Privilégio da servidão" eu tentei dar conta do setor de serviços de modo mais abrangente, mas há muito que pesquisar, pois a capacidade do capital gerar mais valia é quase ilimitada...

[Dr. Adilson Marques Gennari] Ricardo, não é uma questão, porque não vai ter tempo também, mas tem um autor inglês, que não é marxista, o Scott Lesch que fala que a mercadoria no mundo atual, uma massa de comunicação e informação, que o valor e a mercadoria são uma massa de comunicação e informação, essa é a nova mercadoria. Agora, isso é uma tese desse Scott Lesch, que não é muito debatida, não é muito discutida, mas eu acho muito interessante essa ideia, não é? Mas aí é uma outra coisa.

Só uma pista para pensar isso. Certamente é, desde que eu não caia no equívoco de achar que essa é A mercadoria, porque daí *se perde a chance de compreender o todo, por fixar-se nas partes*. O europeu se converte em eurocêntrico quando olha o que acontece na Europa, esquecendo a China, Índia, Ásia, África, América Latina, fundamentalmente nesse polo em que temos toda a atividade industrial basal. Aí vem o europeu e diz que não tem mais operário porque não tem mais fábrica. E olha mal, porque basta observar o proletariado imigrante para ver o nível de exploração do proletariado imigrante, como nos mostram Pietro Basso e Fabio Perocco na Itália, para não falar do proletariado nativo europeu. Agora, que a mercadoria se tornou uma informação muito valiosa, isso é a chave. O que torna o capitalismo mais difícil. Para nossa sorte, entretanto, o capitalismo



está embrenhado em uma massa imensa de contradições, que o “risco maior” que nós temos não é do socialismo, mas é o do fim da humanidade.

284

[Dr. Fábio Antonio de Campos] Gostaria de fazer uma questão sobre a China e suas relações de trabalho no capitalismo contemporâneo. Do ponto de vista interno, segundo Agustín Moreno (Site IHU, 20/08/2019), baseando-se no livro “La máquina es tu amo y señor” (Yang, Jenny Chan, Xu Lizhi, Li Fei e Zhang Xiaoqio. Editora: Virus, 2019): “(...) a maior empresa do setor privado chinês é a tailandesa Foxconn, cujo principal centro está em Shenzhen, que fabrica mais da metade da produção eletrônica mundial. Seus clientes são multinacionais como Apple, Microsoft, Amazon, Google, Nintendo, Nokia etc. Tem 1,4 milhão de trabalhadores e centros como o de Longhua, com 350.000 operários, muitos deles jovens migrantes. Trabalham 12 horas por dia e 60 por semana na cadeia [de produção], com diferentes métodos como o taylorismo clássico ou o toyotismo just-in-time, sem possibilidade de negar fazer horas extras, com procedimentos de controle para ir ao banheiro”. Externamente, a China, embora não tenha bases militares em outros países, nem almeje possessões territoriais, exporta capitais e importa mercadorias, sobretudo commodities do Sul Global (África e América Latina). A China constitui um capital monopolista, no sentido clássico do debate sobre o imperialismo, em que seu capital financeiro tem a função de explorar a força de trabalho dentro e fora de seu território, ou constitui um esforço de desenvolvimento das forças produtivas para criar as bases para o socialismo do século XXI? O Sul Global é explorado ou aliado em seus planos de desenvolvimento?

Difícil essa questão, para falar sobre a China precisamos estudá-la, tomá-la com objeto de pesquisa. Aqui posso dar uma opinião como marxista que acompanhou a Revolução Chinesa e que sabe também que lá encontramos um espaço especial de disputa, de projetos distintos e especialmente de luta de classes. Eu também estive uma vez na China e me foi uma viagem marcante. Mais recentemente, o que mais procuro acompanhar no país asiático tão emblemático (como também é o exemplo da Índia), são as condições de trabalho que lá existem. Sobre a Foxconn, por exemplo, você encontrará no livro “Privilégios da servidão”, esses dados e outros que lá estão: a Foxconn chegou a ter um milhão e 600 mil



trabalhadores, eram várias unidades na época em que estudei, empresa que está esparramada em várias partes do mundo e até aqui no Brasil. Ela é uma empresa terceirizada de amplitude global, que produz/monta celulares para grandes empresas, como a Apple, com um nível de exploração que gerou vários suicídios, especialmente a partir de 2010, com cito no livro acima referido. A tal ponto que a Apple teve que pressionar a Foxconn, uma vez que a crítica estava se tornando mundial. Isso porque a exploração da força de trabalho era intensa, como mostram os estudos de Jenny Chan e outros pesquisadores, que publiquei em “Riqueza e miséria do trabalho no Brasil” e os utilizei também quando pesquisava para escrever O Privilégio da Servidão. Se formos estudar a Huawei e a Alibaba, duas grandes empresas atuantes na China, veremos que lá funciona um sistema de trabalho chamado S-996: os chineses trabalham das 9 da manhã às 9 da noite, 6 dias da semana. Ou seja, só folgam um dia, pode-se imaginar o nível da exploração. É por isso que teve luta, é por isso que nas duas primeiras décadas do Século XXI, as greves explodiram na China. Como os sindicatos são atrelados ao Estado, tem as greves “selvagens”, rebeliões etc. E muita repressão também.

Agora, o que é que a China é? É uma incógnita. Eu acompanho a China desde a revolução do Mao Tse-Tung, desde a Revolução Cultural, depois o seu fim, as mudanças. Quando eu fui para a China, em 2015, eu fiquei estupefato, vou dar só um diálogo pra vocês, eu e o meu amigo Domenico Losurdo, nós tínhamos saído para jantar em Shangai, num restaurante à convite da Universidade e nós tínhamos uma excelente relação. Ele era muito generoso comigo, eu procurava retribuir também do mesmo modo, independente de nossas divergências. Eu lembro que estávamos sentados ao lado do rio que corta Shangai, cujo nome agora não me lembro, e do lado de lá do rio víamos aqueles prédios maravilhosamente ilustrados, com marcas como Toyota, Nissan, e não sei mas o que, eram muitas e muitas. Ou seja, botava a Inglaterra no chinelo, botava Milão no chinelo, botava os Estados Unidos no chinelo, quer dizer, uma coisa suntuosa, típico de um capitalismo de ponta. Aí eu brinquei com ele e falei algo assim: “Domenico, se isto for socialismo, eu vou usar de uma frase do Chico Buarque que diz “me inclua fora dessa”, brinquei. Ele comprou a minha provocação numa boa, e falou: “Ricardo, *io sono stato qui*, [estive aqui] nos anos 90, não tinha nada, era campo, não tinha trabalhador, era tudo miserável, agora estão todos trabalhando”. São duas visões de socialismo. A minha, que a China abandonou sua tentativa de transição para o socialismo,



e a dele, na qual o socialismo é visto como sinônimo de desenvolvimento das forças produtivas. E eu não acho que o socialismo seja isso. Grosso modo, se fôssemos dizer “tem duas grandes leituras do socialismo”, luta de classes ou forças produtivas, eu estou com a luta de classes. É claro que uma imbrica na outra, pois não são duas coisas completamente distintas. Mas, sim, a questão é: qual é a que define um sistema: a luta de classes ou as forças produtivas?

E olha que interessante que o Domenico me disse: ele defendia ardorosamente a ideia de que a China caminhava para o socialismo, mas acrescentou: “O problema é que o núcleo dominante do Partido Comunista Chinês é neoliberal”. Vale dizer que a China aprecia muito a obra do Domenico; ele é muito respeitado lá pelo PCC).

Eu assisti uma palestra no Instituto Marx, Engels, Lenin, onde inclusive, eu e o grupo de intelectuais marxistas que lá estavam, também fizemos nossas apresentações, onde o diretor do Instituto, em sua palestra, disse que a principal contribuição do marxismo chinês para o mundo atual era a “INOVAÇÃO”. Bastou, para mim.

|Dr. Fábio Antonio de Campos| Datashow, Slide, Power Point...

Eu nunca vou usar isso, para mim é o deleite, entende? Não estou criticando quem usa, sou incapaz de fazer isso, mas ainda bem que sou incapaz... Quando ele botou, estava tudo desenhadinho, tinha uma bola no meio que era o núcleo central, sabe qual era o núcleo central da contribuição do marxismo chinês para o mundo? Inovação. Falei: bom, agora...

|Dr. Adilson Marques Gennari| Capitalismo, Schumpeter...

Schumpeter... Acho que a China não é um capitalismo neoliberal porque o Estado tem controle majoritário. Se uma empresa, como a própria Alibaba, começou a exagerar aqui, eles jogam pesado, eles ameaçam, porque tem um Estado forte, burocracia estatal forte e tem um exército poderoso, e é um partido que tem mais de um milhão, até a última vez que li tinha mais de um milhão de filiados, é muita gente, embora a população seja imensa, você tem um exército de um milhão ali que te organize, e mais um exército armado... Agora, fiquei pensando, um dos amigos nossos, o Gilbert Lascar, não sei se vocês conhecem, é um marxista de origem do Oriente Médio, acho que ele é egípcio, ele está há muitos anos radicado na



Inglaterra, trabalhou na França também, meu amigo há muitas décadas, ele falou um dia: “Ricardo, vamos fazer um passeio lá no centro de Shangai, aonde estão aqueles prédios pós-modernos de última geração, para a gente ter uma ideia do quê que é?”. Eu nunca tive vontade, confesso...Mas falei: “Vamos, claro que vamos”, ainda mais quando o cara saber fazer tudo, e foi tão legal, que ele falou assim: “Vamos fazer uma pinta aqui de que somos gestores, vamos entrar direto que ninguém vai perguntar onde a gente vai”, e assim entramos, subimos no elevador, fomos parar lá no topo, é impressionante. A começar que os estacionamentos, eu nunca vi nada parecido em riqueza de automóveis como aquilo, nunca vi nada parecido. Ou seja, socialismo? Estamos longe disso. Agora, a coisa uma hora vai explodir, é a única coisa que consegui entender. Vai chegar uma hora em que ou o grande capital corporativo vai tentar eliminar o Partido Comunista e o exército que o apoia, ou o Partido Comunista e o exército terão que eliminar o grande capital. Acho difícil a segunda alternativa ser vitoriosa, porque seria uma mudança de rota de imensa profundidade. E essa somente virá a partir da generalização das lutas operárias, que são intensas na China. Agora, não é a mesma coisa, o governo chinês não é a mesma coisa que o governo inglês, por exemplo. Na China houve uma profunda regressão em relação à primeira fase de implantação do socialismo sob o maoísmo, com seus limites, mas também com seus méritos.

[Dr. Adilson Marques Gennari] Se me permite fazer uma observação, Ricardo, desculpa, é que eu fico muito preocupado com a questão, ao aspecto econômico. Eu assisti, eu andei assistindo uns vídeos, algumas coisas que podem ser tudo bobagem, por isso fico imaginando coisas... Eu assisti um vídeo que, se não me engano, se chama Sheng Zen, a cidade. E lá, nessa cidade, por isso que me lembrou disso, porque você falou do homem que falou da inovação. Lá tem um fenômeno que me chamou a atenção, que se chama “inovação aberta”, e isso me chamou a atenção, porque o capitalismo imperialista, digamos assim “tradicional”, inglês, depois estado-unidense, europeu, alemão, eles fecham o conhecimento e a indústria e as patentes, de uma maneira a fazer da patente uma forma de sugar mais-valia de todo o sistema. Aí o chinês chegou lá em Sheng Zen, por exemplo, que isso é muito comum lá, pelo menos nesse documentário que vi... Tem vários shoppings, parece a 25 de março, e várias lojinhas, se você vai lá: ah, eu quero montar um



celular Antunes... Aí eu vou lá, compro todas as peças, e cada lojinha daquelas, desse tamanho, do tamanho de uma sala, está conectada com um complexo industrial atrás dela, você compra seus pedacinhos, vai com seu engenheiro lá, e foi um português lá, para dar o exemplo, foi um engenheiro português e um brasileiro, dois loucos que moravam em Portugal e foram lá... Montam, coloca lá: celular Gennari, ao invés de Xiaomi, qualquer coisa, e aí eu começo a vender para o mundo inteiro o celular Gennari, se colar... Então, a inovação, todo aquele monte de peças, de coisas, eu não precisei pagar dinheiro nenhum para a Apple, nem para a IBM, nem pra coisa nenhuma. Isso estrangula, é a sensação que tenho, por isso que estou te dizendo, é uma coisa que não sei, tenho a sensação que isso estrangula os chineses na sua sabedoria milenar, eles estão estrangulando por dentro um processo produtivo tradicional. De você manter a tua patente e, com ela, ser capaz de sugar mais-valia pela marca. Mas a marca você inventa qualquer uma a qualquer momento, porque as peças são as mesmas, e tudo é produzido na China. Então fiquei pensando: será que isso é uma pista de alguma coisa, ou não?

Eu não me aventuraria a falar sobre a China, porque teria que estudar muito, fazer da China objeto de estudo, o que não é meu caso. Nós podemos falar de capitalismo de Estado, socialismo de Estado, capitalismo neoliberal... Acho que é uma coisa diferente, porque veja, bem ou mal, a revolução foi em 1949, até 1990 foram 50 anos de uma revolução autárquica, fechada, sob a liderança maoísta. Acreditava-se que a China teria tudo o que ela precisa para sobreviver: recusou aliança com o imperialismo capitalista, recusou o que eles chamavam de "imperialismo soviético", se fecharam, o que degingolou com a morte do Mao e tudo o que se sucedeu, foi uma abertura enorme para o capitalismo... Eu me assustei muito quando em 1997 eu fui convidado pelo Mészáros, eu fiquei um ano na Inglaterra como pesquisador visitante da Universidade de Sussex, e fiquei um ano morando lá, foi uma experiência espetacular... Mas eu não sabia nada da China, e ficava estupefato porque em todo lugar que eu ia, centro de computação, biblioteca, etc, quando você vai nestes espaços acadêmicos, estava cheio de estudantes e pesquisadores chineses... Eu me perguntava: o que esses caras estão fazendo na Inglaterra? Eu sabia o que eu estava fazendo na Inglaterra, eu queria ir para a Itália e o Mészáros teve a lucidez de me sugerir, e acabou me convencendo, ele disse: "Ricardo, não faça seu pós-doutorado na Itália,



vem fazer na Inglaterra por dois motivos: se você quer estudar o Toyotismo no mundo asiático, na nossa biblioteca da Universidade de Sussex você tem 400 livros, tem tudo sobre o Japão, sobre a China, que você não vai encontrar na Itália”. E é verdade, a riqueza italiana era de outra ordem. “Segundo, me dise Mészáros, os teus filhos vão sair daqui falando inglês”. O Caio virou tradutor do Mészáros no Brasil, e de obras em inglês, enfim, o meu filho mais velho, e a mais nova, a Ana, é professora de Língua Inglesa para crianças, se originou como professora de Educação Infantil.

Feita essa digressão, volto ao caso chinês: há uma dilemática nisso, uma contradição central que em algum momento vai explodir. Na chamada Perestroika vimos que o desfecho foi trágico, era um horror o stalinismo estatal e que se converteu em capitalismo das máfias... Eu não sei o que vai se passar com a China; se perguntassem “A China tem algum sinal vigoroso de que estamos transitando de algum modo para o socialismo?”, eu responderia: não vejo no presente o mais remoto sinal de “criação de bases para o socialismo no século XXI”, tendo as grandes corporações como participes da exploração intensificada do trabalho. O único sinal que percebo e saúdo é a agudização da luta de classes na China.

|Dr. Adilson Marques Gennari: A impressão que dá é que é mais uma forma de um novo capitalismo. Só uma observação que eu queria fazer, você está falando de Sussex... Eu fui à Austrália, Sidney, porque a minha filha estava morando lá, eu fui só pra passear, mas fiquei bestificado com uma coisa, a cidade de Sidney é cheia de chineses, e sabe o que eles fazem? Eles mandam a família inteira, a criança nasceu na China, mas foi pra lá criança, ela cresce lá, estuda tudo lá, ela volta formada na faculdade, falando um inglês perfeito, e vai ser um dos administradores das corporações, com todo o conhecimento que tem, da Inglaterra, da França, do mundo, e está lá em Sidney. Olha a capacidade dos ingleses, e nós cortamos bolsa da Capes para os brasileiros... É interessantíssima a estratégia do Partido Comunista [...]

|M. Fábio Castro| Vamos falar do Brasil, então, um pouco? [...]

|M. Zuleica Vicente| A minha pergunta é muito Brasil, muito o Brasil atual. Vai no sentido do que o Adilson disse, enquanto lá eles estão mandando pessoas estudarem na Austrália, aqui estamos cortando investimentos em Ciência e Tecnologia. Recentemente o Haddad falou sobre o projeto do PT, de reindustrialização, caso Lula se eleja. Dado as



nossas condições atuais, de perdas significativas em Desenvolvimento, Ciência e Tecnologia, você considera isso possível na realidade? Ou, na realidade, só se trata de propaganda do tipo “agro é pop”, ou nada mais que...?

290

Olha, veja bem, eu acho que o Lula e, por consequência, o PT e o Haddad, eles têm um projeto de retomar um tipo de industrialização que é possível de ser feito aqui, porque não é de ponta, mas seria capaz de incluir e absorver uma força de trabalho sobrando e, com isso, atender a um setor da burguesia brasileira que viu, nessas últimas décadas, definir um de suas atividades industriais. Então eu acho que não é só uma propaganda, o desenho brasileiro pode ter, “capitalisticamente” falando, pode ter sinais um pouco diferenciados. Mas é muito importante entender que a explosão da agroindústria foi no governo Lula, a grande explosão, é que a agroindústria explodiu numa época em que você tinha também uma relativa potência industrial no Brasil. Agora, é difícil você imaginar isto num cenário que não seja da *escravidão digital*, para usar um termo que criei lá no “Privilégio da Servidão”. Quer dizer, você tem que acabar com a legislação trabalhista, esfolar o proletariado industrial, de serviços e agrícola (bem como os serviços industriais, a indústria de serviços e a agroindústria). Então, digamos assim, ele tem tudo para ser um projeto irrealizável. Quando o desafio da esquerda seria outro: reduzir as atividades industriais, reduzir o tempo de trabalho das indústrias, porque se você não tiver uma redução vigorosa do aquecimento global nós não vamos ter ar para respirar. Para você ter redução do aquecimento global você tem que ter redução da atividade industrial, porque ainda é muito petróleo e carvão, é energia fóssil, entende? Então se nós continuarmos produzindo energia com energia fóssil, e aqui você aquecendo o planeta, bom, é uma obviedade o que vou falar... Outro dia, lendo aqui, eu vi a informação de que, acho que a ONU, previa para 2050 a temperatura de verão que foi feita na Inglaterra e na Europa neste ano, agora. Vocês viram que a Europa entrou em chamas, vários países da Europa se incendiaram, houve incêndios pelo aquecimento. Então, quer dizer, nós estamos vivendo... Você acha que se a Rosa Luxemburgo estivesse viva ela diria assim: socialismo ou barbárie? Mas, com uma diferença: na barbárie nós já estamos. Então não é mais socialismo ou barbárie, é ou socialismo. Estamos em um momento da história que é ou o socialismo ou o fim da humanidade.



|M. Zuleica Vicente| Eu perguntei isso porque acho bem incoerente pensar em um partido, primeiro que não consigo entender o PT como esquerda... Eles são neoliberais, mas pode ter um discurso mais bonito, pode propor algum tipo de melhoria social, mas é neoliberal. E aí acho incoerente dentro de um projeto neoliberal falar em reindustrialização, porque o discurso que é forte nesse sentido é o do empreendedorismo, não é o de você voltar a movimentar um setor que, como você mesmo falou, está fadado ao fim. Eu queria saber o que você pensa sobre isso.

Olha, Zuleica, primeiro, o PT não é coeso. Por exemplo, o PT que o nosso Suplicy representa é uma coisa, o do Lula é outro, o do Mercadante é o que o Lula mandar, e o PT tem para todos os gostos. O PT é variado, e tem até núcleos socialistas, e eu diria até alguns núcleos comunistas dentro do PT, ou que se autodefinem como tal. Mas que estão no PT ora porque são *entristas*, ou a política é de frente, etc... Ponto dois: eu não acho, sabe, Zuleica, que o PT seja diretamente neoliberal. Tem que ter uma nuance, que acho que é importante. Já tentei escrever várias coisas sobre isso, vou só ajudar a lembrar, porque não quer dizer que eu esteja certo, essa é a minha intuição: o PT é uma variante, assim que eu defini, e não fui o primeiro a fazer isso, longe disso... Aprendi isso lendo o neoliberalismo inglês, quando o Tony Blair ganhou as eleições em nome do Partido Trabalhista, a esquerda petista o saudou no Brasil, eu estava na Inglaterra quando ele ganhou a eleição... "Porque agora vai ter socialismo na Inglaterra!", eu falei: esses caras estão loucos, o Tony Blair é uma vergonha... Não é por acaso que os teóricos do Tony Blair eram o filho do Milliband, vocês conhecem, o Ralph Milliband, que é um marxista conhecido, e o outro é o Giddens; esses eram os teóricos que se reuniam lá na casa do Tony Blair sistematicamente para orientá-lo. Tem uma variante que acho que o PT se encaixou (só que o PT é latino-americano nesse ponto) que é o *social-liberalismo*, o que é isso? Os fundamentos estão absolutamente dentro do neoliberalismo, mas é um neoliberalismo com certo crescimento e verniz social, porque o Lula tem muito isto desde os anos 70. É o seguinte, tem mercado interno e nós temos que produzir porque o mercado interno vai consumir, para consumir eu tenho que pagar melhor a classe trabalhadora, se pagar melhor a classe trabalhadora a produção vai melhorar e recomeça a roda. Agora, é evidente que na análise do Lula o cenário mundial não entra, digamos, analiticamente falando. Ele cansou de dizer que enquanto o mundo estava em crise aqui era uma marolinha, depois a marolinha virou o tsunami de 2013 e 2014. Acho



que, assim, tem uma certa nuance de diferenciação entre o social-liberalismo do PT... Eu não considero o PT neo-desenvolvimentista, acho, inclusive, essa categoria imprecisa e apologética, para melhor defender o PT. Como se tivesse a burguesia industrial comandando, a burguesia industrial não mais comanda nada, quem comanda é o capital financeiro. A burguesia industrial é parte de uma hegemonia que hoje é ditada pelo capital financeiro. É assim um pouco como vejo o PT. É evidente que, se vitorioso o Lula, eu não tenho nenhuma dúvida em quem vou votar nele, e mais, vou militar contra Bolsonaro. Não tenho a menor dúvida que a partir do dia 1º de novembro, se o Lula ganhar a eleição, começa outra guerra. Mas não é uma guerra com um governo neofascista, essa é uma diferença importante. Pra quem veio da esquerda e sempre foi da esquerda sabe que o fascismo não dá pra brincar. Vocês já imaginaram, o Bolsonaro tem a Câmara, tem o Senado, tem as milícias, ele está armando a população de extrema-direita, exércitos armados. Hoje teve um ato medonho, vocês viram? Um ato feito pela prefeitura de Uberaba, onde numa festa, no dia da criança, as crianças foram ensinadas a se armar, botar colete antibalas, ouvi pelo rádio, botar colete e fazer treino de tiros, no dia da criança, entende? Quer dizer, isso é fascistização.

|Dr. Fábio Antonio de Campos| Ricardo, eu queria fazer uma pergunta que formulei sobre o fascismo, até de uma perspectiva histórica, queria ouvir de você. Um livro que chama a atenção, que muita gente discutiu, o livro “Psicologia de massas do fascismo”, de 1933, do psicanalista Reich... Ele procura responder, por meio do estudo, sobre a repressão sexual e ressentimentos, como ocorre a ascensão do nazifascismo diante da crise capitalista, sobretudo na Alemanha. Segundo ele mais crise não dá em revolução, mas em aprofundamento da barbárie. Há uma dissociação das condições precárias de vida dos trabalhadores, ou seja, do esgarçamento dos tecidos sociais básicos da Alemanha dos seus ideais de emancipação, que passam a cultuar os seus próprios algozes, apoiando, portanto, uma contrarrevolução permanente. No momento atual você trata o tema contrarrevolução preventiva no livro “Privilégios da servidão”, 2018, em que você diz que o neoliberalismo na sua fase atual exige uma espécie de reciclagem de formas totalitárias para saciar o ímpeto de valorização do capital, num momento em que a crise estrutural, como diz o Mészáros, só aprofunda. Bom, o Brasil,



como já foi experimento inovador da exploração capitalista na fase primitiva, com a colonização... E gostei muito daquele capítulo em que você trata do Caio Prado, no livro da América Latina, do Labor, e Florestan Fernandes, sobre essa questão. Ou seja, o Brasil sempre conviveu com uma forma de dominação repressora, só que agora apresenta um novo laboratório para o mundo, mais um capítulo de decadência burguesa. Como entender a classe trabalhadora brasileira nesse contexto, entre o fascismo popular da revolução dentro da contrarrevolução - aqui eu uso uma categoria do autor aqui do lado, o Paulo Lima, ele até pode me ajudar nessa questão – e o melhorismo da esquerda da ordem (que é um termo que o Plininho usa)? Qual é o desafio nosso para construir uma esquerda contra o capital, no Brasil, diante desses dois problemas, do imperialismo e do fascismo que vemos que é popular?

Claro que é uma questão muito difícil, eu vou dizer o que consigo visualizar elementarmente, porque esse é um desafio aberto. Acho que estamos vivendo um período de *contrarrevolução preventiva*, a minha inspiração aqui é do Florestan, lembrando que o Marcuse já falava em contrarrevolução, ao seu modo, mas é muito Florestan, é preventiva porque não há o risco da revolução. Não é que você tenha possibilidade de revolução, o que nós visualizamos no mundo com uma certa urgência e imediatidade, nenhuma nem remota. Nós vamos adentrar, isto sim, num mundo de explosões sociais profundas. Mas nós já vimos, em 2013, uma era de rebeliões que não necessariamente se converte em uma era de revoluções. Ao contrário, no caso de 2013, não estou dizendo que foi assim porque é sempre assim, estou dizendo como foi, se nós estivéssemos aqui em 2013, 2014, estaríamos mais otimistas. A Revolução na Tunísia, Egito, Oriente Médio, Occupy Wall Street, Nem Nem (ni trabaja ni estudia) na Espanha, geração à rasca em Portugal, Grécia... Hoje nós estamos imaginando o que vamos fazer, que governo de conciliação nós vamos apoiar para impedir a fascistização. Então, quer dizer, o desafio não é pequeno. Acho que a esquerda, no século XX, ela se metamorfoseou numa esquerda dentro da ordem, e quando ela não é dentro da ordem, o que vemos é algo ainda muito doutrinário, o que também não adianta. Não adianta sair berrando "a revolução", "a tomada do poder", "a greve geral". A incapacidade da esquerda de pensar... Eu lembro, sempre cito isto, tem uma passagem da Ontologia, do Lukács... A primeira vez que usei isso foi quando



eu estava na Inglaterra, ler o cenário asiático, japonês, ler o Habermas e sua "A teoria da ação comunicativa". Pensei: "vou estudar lá e vou reler a 'Ontologia do ser social', do Lukács". Que é uma obra pesada, difícil, eu a conheço em boa parte, ainda que muito mais os capítulos em que me aprofundi mais, são "Trabalho", "O estranhamento", "Reprodução", um pouco, "Ideologia". A primeira parte da "Ontologia" é um debate com a lógica, com o neopositivismo, depois com o Hegel; trata-se de um trabalho filosófico, esse primeiro volume, que traz um rico e original capítulo sobre Marx. O que o Lukács diz, em um certo momento da "Ontologia"? Ele diz assim (estou lembrando aqui de memória, como fiz anteriormente): "a vida cotidiana é uma sucessão infinita de 'se' e 'mas'". Não é um dilema crucial, nenhum de nós se pergunta à noite se temos que escovar os dentes, ou se vamos apagar a luz para dormir... Mas, voltando ao Lukács, ele acrescenta (sempre de memória): "mas quando se supera essa infinitude cotidiana de 'se' e 'mas', e algumas questões cruciais são condensadas...", uma vez que são aquelas que mexem com o conjunto da humanidade que trabalha, "...aí você tem a situação revolucionária ou pré-revolucionária". Podemos recordar que Igualdade, Liberdade e Fraternidade, na Revolução Francesa, ou "Pão, Paz e Terra" na Revolução Russa, a população trabalhadora entende, compreende e passa a lutar pelas bandeiras da Revolução. Os soviets foram uma descoberta magistral desde 1905, e que abriu as possibilidades revolucionárias na Rússia Czarista, porque uma parte importante do partido comunista, do então Partido Operário Social-Democrata russo era contrário à revolução socialista, defendendo aquela velha tese de certas esquerdas, onde primeiro vem a democracia burguesa, que significava apoiar Kerensky... Para Lenin, o papel da esquerda não é apoiar um governo burguês, mas para lutar simultaneamente contra o governo alemão e o governo russo, uma vez que a Guerra era uma guerra de classes. Lenin recusava frontalmente a tese de que deveria defender o governo russo, para lutar contra o governo o governo alemão. Tinha uma parte da esquerda que era nacionalista, via a guerra de um país contra o outro. Lênin, Rosa e Trotsky quebraram com essa tese, mostrando que o papel não era apoiar o governo russo, mas lutar por uma revolução socialista. E as bandeiras era, então, muito palpáveis para a massa russa...

Quais são as questões cruciais hoje? O desafio é entender quais são as questões cruciais. Eu tento indicar alguma coisa no livro Capitalismo Pandêmico: quais são as questões cruciais hoje? Primeiro, o tema do trabalho é inevitável e iniludível; não há mais trabalho para a humanidade,



nossos filhos não terão trabalho, na melhor das hipóteses serão intermitentes e servos, digitalizados, repito, na melhor das hipóteses. Se tiverem sorte, por isso o “privilégios da servidão”, que é uma provocação, o privilégio de ser servo ou escravo. Nós temos que recuperar aquela ideia do trabalho como uma *atividade vital*, criadora de *valores de uso*, de *bens socialmente úteis*. Então, reduzir brutalmente a jornada de trabalho na indústria, na agroindústria, inclusive reduzi o tempo de produção da indústria é um ponto crucial.

O segundo ponto crucial é breçar a devastação da natureza, o que implica em travar o desenvolvimento das forças produtivas que se tornaram forças destrutivas. Vejam, o que nós tivemos na pandemia? Quando pararam as indústrias e parou o tráfego de carros, o ar melhorou, todos nós respiramos melhor. É uma questão elementar, isso não pode ser uma exceção, mas tem que ser a regra. Agora, é claro, isso implica em confrontar o capital diretamente. Assim como a questão do trabalho que tem a ver com a redução da jornada, a recuperação da natureza está diretamente ligada à redução do tempo da produção, na eliminação da energia fóssil, o fim das queimadas, da extração mineral predatória etc etc..

E terceiro: rês: urge articular a luta da humanidade num complexo que compreende *classe, gênero, raça e etnia*, questão que foi muito maltratada pelo marxismo ao longo do século XX, com raras exceções. Não por Marx e não por Engels, que oferecem pistas férteis. Vocês conhecem o livro de Kohei Saito, que foi ler os cadernos ecológicos do Marx? Assim como há um fértil feminismo marxista, importante, que é hoje ainda mais vital, ao mostrar a ineludível articulação entre produção e reprodução. Mas há outras tendências do feminismo, que separa a reprodução da produção, que gera um equívoco profundo.

Por isso que a tese do *sistema de metabolismo social do capital* é importante, porque a humanidade é parte da natureza, então a equação da humanidade não pode se efetivar fora da preservação da natureza.

Então, me parece que são essas as questões vitais do nosso tempo.

|Dr. Adilson Marques Gennari| Ricardo, o que você acha do Michel Löwy, do ecossocialismo?

Acho um trabalho imprescindível, excelente. Não haverá socialismo sem ecologia, isso se tornou por demais óbvio e, ao mesmo tempo, vital e inadiável.



[Dr. Adilson Marques Gennari] Interessante que a questão ecológica está no centro [da análise].

Não é possível ser anticapitalista sem ser ecossocialista. Se existia certa reserva, há algumas décadas atrás, com essa conceitualização, agora não é possível almejar o socialismo sem enfrentar a questão ambiental, ela é tão crucial quanto o tema do trabalho e da *igualdade substantiva* (rico conceito meszariano) entre gênero, raças e etnia. O ar, se ele parar de ser respirável, a humanidade fenece. Os ricos, você vê isso em alguns filmes de ficção, provavelmente, já estão se preparando para encontrar um planeta novo, deixando o lixo criado pelo capitalismo para 5, 6, 7 bilhões, enquanto os alguns milhares de burgueses vão querer viver no espaço. Deve ser por isso que o Elon Musk e o Jeff Bezos estão explorando o espaço... Brincando agora com as palavras: depois de ajudarem a destruir a terra, seguem saqueando o espaço para ganhar dinheiro e, ao mesmo, tempo, ir pensando num lugar para eles irem morar, quando a terra se afundar de vez. E nós não estamos muito longe disso não.

[Dr. Adilson Marques Gennari] E a água também, sem água, comida com agrotóxico, comida com veneno, água envenenada...

Água envenenada... Os remédios para depressão se tornaram como a novalgina para a dor de cabeça, quer dizer, todo mundo vive com depressão. O Freud escreveu "O mal estar da civilização", lembra. De Reich e sua psicologia de massas do fascismo.

[Dr. Fábio Antonio de Campos] Impressionante a atualidade desse livro, não é? Porque eu fui reler também, ele faz algumas citações do Hitler, lembra? Da "Minha Luta"...

Vale sempre lembrar, o que é óbvio pra nós, que há uma dimensão da psicologia de massas, e é uma outra dimensão, que é marxiana e não podemos abandonar. Uma não exclui a outra, acho que o Reich ofereceu, entre os marxistas e psicanalistas, pistas importantes. Lembro que, quando o li, nos anos 1970, me impactaram muito, e não estávamos no fascismo, estávamos em uma ditadura aqui que não era propriamente fascista. Mas toda essa discussão ganhou mais atualidade com o ressurgimento do fascismo, em tantas partes do mundo. Estamos perto de uma eleição, na



qual um candidato está próximo da metade dos votos e o seu apego é fascista? Eu escrevi um artigo, com o título “*Cavaliere: genópio ou laracida*”, publicado na Folha de São Paulo, on-line. Eu lembro de uma leitura que fiz há uns dois anos atrás, “Mário e o mágico”, do Thomas Mann, e ele fala sobre a emergência do fascismo, ele estava em Veneza... Thomas Mann oferece elementos para se entender a aceitação do monstro fascista nascendo na Itália. E nós estamos vendo isso aqui, o mesmo falar em armar a população fascista etc.

[Dr. Adilson Marques Gennari] A questão que eu ia fazer, que deixei para outra ocasião, era sobre o MST, que está nessa luta. Por exemplo, ele tem os armazéns que vendem comida sem agrotóxico, é uma espécie de colaboração a essa situação de crise. Inclusive nesse momento da pandemia e pós-pandemia, muita fome aqui em Recife, por exemplo, eles distribuíram muita comida grátis para a massa miserável, morta de fome, distribuíram muita comida dos agricultores, comida sem agrotóxico. É algo interessante...

O próprio fato de o MST, que nasceu em 1984, ou seja, o MST já tem 38 anos de existência. A contribuição, certamente, é importante. Isso é plausível, é possível criar um sistema de cooperativas em que você abarque uma massa imensa de trabalhadores sem trabalho, e com a estrutura do MST, como apoio à agricultura alimentar. Agora, isso ajuda a alimentação e a dignidade basal da população, mas mudar o capitalismo é um empreendimento mais complexo. O problema dos movimentos sociais, que são de extrema importância, é que nem sempre se consegue calibrar bem entre *o aqui e o agora e para onde vamos amanhã*. E a perda desse horizonte é que não podemos ter.

[Me. Zuleica Vicente] Posso só fazer um comentário... Levei meus estudantes, mês passado, bem recente, ao acampamento do MST aqui perto de Campinas, o Marielle Vive. O que notei lá é que, realmente, o cotidiano deles, a realidade é imperativa, eles não têm água, o Estado não chega. Porque se o Estado chegar é reconhecer que, em certa medida, eles têm direito à posse da área. E aí eles não têm como pensar no médio e longo prazo, porque o imediato acaba pesando muito mais.



Então, acho que a força do movimento é muito interessante, mas, nesses últimos anos, o que eles têm sofrido de repressão...

Não tenho dúvida disso. Por isso a minha solidariedade e apoio e participação sempre que vier a ser convidado pelo MST. Acho que é um dos movimentos sociais mais importantes do mundo, falei e escrevi sobre isso em muitas partes. Mas é importante refletir sobre os problemas e dificuldades que, muito respeitosamente, temos sempre que pensar. Será que no período do governo do PT não houve muita dependência do governo e isso não fragilizou um pouco os movimentos sociais? Porque depois vem uma ditadura branda, um golpe, o risco de uma ditadura, da autocracia... Estamos vivendo um poder que oscila entre uma democracia formal, sem sentido, e um poder autocrático. Nunca falei em autoritarismo. Falo em autocracia, que é outra coisa. No caso, burguesa, para recordar novamente a pista é do Florestan.

298

[Dr. Henrique Tahan Novaes] Ricardo, se me permite, o destaque que eu faria, 20 anos trabalhando com movimentos sociais, a nossa dificuldade é de fazer aquilo que os evangélicos fazem muito bem... Eles têm psicólogo, assistente social, tem quem vai gerar o empreendedorismo, quem vai acolher. Nós dos movimentos sociais não estamos conseguindo pensar alternativas socialistas para a massa que está vivendo no desemprego, no subemprego, não tem casa. A gente consegue, às vezes, fazer uma transformação num vaso de planta, em uma pequeníssima escala, como as que foram citadas aqui, inúmeras. Mas, de fato, do ponto de vista dos movimentos sociais, é essa pergunta que eu ia fazer, a criatividade em termos de pensar essas alternativas anticapital, contra o capital, aparentemente não estão surgindo, a não ser numa escala muito, muito, pequena. Enquanto a igreja evangélica está nadando de braçada nas periferias, ela que domina o povo humilde, pobre, simples, ela que acolhe de fato, do nosso povo mais humilde, mais pobre.

Essa é uma questão muito importante também, talvez a gente pudesse tentar conseguir fechar com ela, não sei se ajudaria. Estou de acordo com todo o teu diagnóstico, vou tentar botar mais algumas coisas, porque também todos nós estamos pensando muito nisso. Mas a primeira coisa, a ação, digamos, a sociabilidade evangélica tem plena sintonia com o capitalismo, parte decisiva do capitalismo desde a Reforma Protestante. Ela é



mais capitalista que até mesmo a Igreja Católica, então isto dá a eles um espaço de enriquecimento, de recursos, que a solidariedade socialista não tem. Então não é que somos incapazes, é muito mais fácil eu dizer: “olha, enriqueça na terra que você vai chegar ao caminho dos céus e lá alguém estará te esperando”, do que dizer: “olha, não adianta, você pode torcer para o caminho do céu, mas é melhor garantir aqui uma vida digna e emancipada, sem transferi-la para o *reino do céu*. Porque lá a gente não sabe bem como vai ser... Isto, sim, para aqueles que imaginam que exista vida celestial. Percebeu como é mais difícil? Dois, e tem uma coisa que eles dão um banho nas esquerdas, mas essa questão pra mim é muito importante... A evangelização é a mistificação capitalista na sua vertente popular. Mas, para isso, todos nós já vimos um culto evangélico pela televisão, pelo menos. Quando você vê, por exemplo (eu vi isso ontem, a Igreja Católica em Aparecida do Norte) com aqueles bispos todos cheios de cones, com aquela vestimenta que parece a Idade Média, e vê um bispo evangélico tocando um rock, cantando, em transe, é uma diferença brutal. Um tem sentido de cotidianidade e o outro não. O Papa tem feito coisas positivas, pela sua origem latinoamericana, ele podia acabar de vez com esse horror, porque você tem a sensação da Idade Média quando vê um ato religioso católico. Três, o ato evangélico é um momento de catarse popular, a população canta e dança, o que não pode fazer fora dali, em praticamente lugar nenhum mais. Porque para cantar e dançar você tem que ter dinheiro hoje. As festas populares dos bairros das periferias nos oferecem exemplos como o *hip hop*, esse movimento cultural muito importante da juventude periférica. Cada culto evangélico combina fruição, catarse e canto. E é grande a incapacidade da esquerda em fazer ações com autênticos momentos de catarse, no sentido profundo do termo, em que você transcende a vida cotidiana e quer cantar, dançar, sonhar, flunar. O MST tenta fazer isso, a seu modo, pelo que chamam de mística, é uma tentativa. Mas enquanto você tem uma mística política no MST, há milhares de atos dos evangélicos, com catarse espiritual, do primeiro minuto ao último. As pessoas saem de lá com a sensação de que “eu vi o Senhor”, agora eu sou Ele, entendeu? “Eu vi, eu toquei nele”. Estou colocando isso porque isso é um sinal, é um momento em que o nível de estranhamento, de alienação, de sofrimento, embaralha tudo, que se intensifica e aumenta nos momentos de crise estrutural como a que estamos vivendo. Agora, a favor da esquerda, a catarse com a solidariedade socialista é uma, a catarse com alienação levada ao limite é outra e muito mais fácil. Essas *grandes igrejas* são conglomerados corporativos globais. São



organizações religiosas com fins lucrativos. Bom, isso não minimiza a tua dificuldade, que é real. Essa neopentecostalização, digamos assim, essa explosão dos evangélicos parece caminhar, então, de modo consentâneo com o desespero criado pelo próprio capitalismo, com seus bolsões de miseráveis que não param de se ampliar. Lembra que o Marx falava: “a miséria religiosa é expressão da miséria real e a revolta contra ela”. Só que a revolta contra a miséria real pode ser a luta, como a Teologia da Libertação, ou a Teologia do Enriquecimento, que sonha a redenção capitalista, no céu e também na terra. Só para a gente pensar, são formas complexificadas das alienações, dos estranhamentos, que atingiram uma dimensão mais profunda com a destruição atual do capitalismo na sua etapa da mais letal e pandêmica. Glosando com as palavras de Marx: quem é que está conseguindo oferecer um *aroma espiritual novo*? É a evangelização. | FIM |

Campinas, São Paulo, Marília, Divinópolis, junho de 2022.

Obras citadas por Ricardo Antunes na entrevista:

- ANTUNES, Ricardo. **Crise e Poder**. Rio de Janeiro: Editora Cortez, 1986.
- ANTUNES, Ricardo. **Adeus ao trabalho?: ensaio sobre as metamorfoses e a centralidade do mundo do trabalho**. Rio de Janeiro: Editora Cortez, 1995.
- ANTUNES, Ricardo (org). **Uberização, trabalho digital e indústria 4.0**. 1ª edição. São Paulo: Boitempo editorial, 2020.
- ANTUNES, Ricardo. **O capitalismo pandêmico**. 1ª edição. São Paulo: Boitempo editorial, 2022.
- ANTUNES, Ricardo. **Os Sentidos do Trabalho: ensaio sobre a afirmação e a negação do trabalho**. 1ª edição. São Paulo: Bomtempo editorial, 1999.
- ANTUNES, Ricardo. **O privilégio da servidão**. 1ª edição. São Paulo: Boitempo editorial, 2018.
- ANTUNES, Ricardo. **O que é o sindicalismo**. Abril cultural, 1985.
- ANTUNES, Ricardo. Cavaliere: ‘genopio’ ou ‘laracida’? **Blog da Boitempo**, 27/09/2022. Disponível em: <https://blogdaboitempo.com.br/2022/09/27/cavaliere-genopio-ou-laracida/>.

